

Abordagem sobre as configurações de gênero no contexto educacional

Guaraci da Silva Lopes Martins¹

Universidade Federal da Bahia

Resumo: O presente artigo é o resultado do crescente interesse na investigação sobre o ensino do teatro mediado pelas configurações de gênero. Esta pesquisa propõe uma abordagem reflexiva sobre a trajetória do Curso *O teatro na escola e as relações de gênero* em andamento e sob a coordenação desta pesquisadora. Esse curso é composto por professoras habilitadas em Arte e graduandas dos cursos de licenciatura nesta área de conhecimento. Com o trabalho pretendo contribuir para o processo de formação docente, ampliando o contato das pessoas envolvidas com diferentes propostas teatrais norteadas pelas formas de produção e reprodução das desigualdades sociais relacionadas às subjetividades dos corpos.

Palavras-chave: teatro; gênero; educação.

¹ Doutoranda em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná, professora assistente da Faculdade de Artes do Paraná

Este artigo está associado ao meu processo de investigação que versa sobre a articulação do Teatro no espaço educacional aos processos de identificação do sujeito. Para o aprofundamento da reflexão sobre o assunto recorri ao projeto relacionado ao Curso de Extensão, *O Teatro na Escola e as Relações de Gênero* em andamento e sob a minha orientação e coordenação na Faculdade de Artes do Paraná – FAP, instituição em que atuo como docente.

A experiência como atriz e professora no ensino superior com atuação docente no Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Teatro da FAP me proporcionou a compreensão sobre a relevância dessa linguagem artística no processo de integração do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com a sua realidade circundante. Os últimos treze anos - período da minha docência – intensificaram a convicção de que o ensino do Teatro é de suma importância, tanto quanto qualquer outra disciplina da matriz curricular, no processo de ensino e de aprendizagem do estudante.

Concordo com Vidor (2010, p. 10) quando argumenta que “os avanços no campo da pedagogia teatral, há, todavia, uma grande dificuldade na articulação do processo de ensino-aprendizagem do teatro na escola”. Ainda que afastada da sala de aula do Ensino Básico em virtude do acompanhamento dos estágios permaneço atenta às condições dessa área na instituição regular de educação. Dessa forma, posso afirmar que gradativamente se amplia a valorização das atividades cênicas na escola, ainda que o seu espaço efetivo permaneça um desafio.

No processo de desenvolvimento da investigação com enfoque na formação docente recorri à fundamentação teórica com abordagens relacionadas à dimensão histórica e sociocultural do processo de construção do sujeito, tais como os estudos feministas e a teoria *queer*. Os fundamentos artísticos, estéticos e metodológicos do Teatro com enfoque no contexto da Educação também fizeram parte integrante dessa pesquisa associada à prática realizada no curso de extensão *O Teatro na Escola e as Relações de Gênero* com início em abril 2011 e término em novembro do mesmo ano.

Com uma carga horária de sessenta horas e realizado quinzenalmente aos sábados, o Curso de Extensão apresenta como proposta a ampliação do repertório do grupo sobre as distintas possibilidades metodológicas baseadas no Teatro com abordagem nas questões de sexo, gênero e sexualidade. Importa ressaltar que, movida pela convicção de que pela Arte é possível abrir o acesso a novos conceitos que desafiam os fundamentos básicos da normatividade, propus-me a contribuir no processo de formação inicial e continuada das professoras habilitadas para o ensino da Arte e interessadas em analisar metodologias específicas do Teatro quando associadas às configurações de gênero e as relações de poder que permeiam esta temática. Em geral, as discussões realizadas com as participantes fundamentam-se em textos específicos do Teatro e também aqueles relacionados às questões de gênero.

Com o intuito de dinamizar o trabalho proposto e ampliar o contato das participantes com novas estéticas teatrais, determinadas/os docentes foram convidadas/os a compartilharem as suas pesquisas, sempre com a manutenção da associação dos fundamentos teóricos às práticas teatrais.

Este curso conta com a participação de vinte professoras. Desse total, apenas duas pessoas são do gênero masculino, fato este que reflete a presença predominante da mulher no magistério, contexto historicamente compreendido como um prolongamento das atividades domésticas ou da própria condição feminina. Por conta disso, em um exercício de transgressão da norma social para a elaboração deste texto recorri à utilização somente dos artigos e pronomes femininos, ainda que ambos os gêneros se encontrem presentes.

A maioria das participantes são professoras habilitadas em Artes e atuam na rede municipal e estadual de Educação da região de Curitiba. Também participam das aulas graduandas e egressas de cursos de Licenciatura desta mesma área de conhecimento. Para a promoção do efeito multiplicado e de alcance do projeto vinculado à pesquisa a partir da segunda metade do curso especialmente as docentes foram convidadas, sem caráter obrigatório, a desenvolver atividades teatrais baseadas na mesma temática com algumas turmas de alunos na escola onde atuam.

Entendo que a escola produz e reproduz práticas sociais ajustadas por relações que em nada contribuem para uma sociedade libertária. Por outro lado, este mesmo espaço também oferece as condições necessárias para a subversão de uma realidade marcada pela desigualdade. O sistema de educação é um espaço político capaz de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, por meio de saberes e de poderes que eles trazem consigo. Cabe à escola, comprometida com uma educação transformadora investir em políticas pedagógicas que potencializem espaços de contestação sobre os rígidos limites que governam as noções culturalmente inteligíveis do estar no mundo.

Saliento que desde o primeiro dia do curso, as participantes expressam a sua indignação diante de situações discriminatórias geradoras de violência, de evasão escolar, de exclusão social. Daí, o caráter premente da informação e da desmistificação de conceitos que tendem à fixidez, à identidade de gênero. No entendimento de Auad (2003, p. 57), “nascer homem ou nascer mulher, em nossa sociedade, cria uma identidade em oposição à do sexo que não é o seu (o sexo oposto), distanciando-se dele e negando-o”. De fato, esta é a ordem a ser obedecida no sistema binário dos gêneros produtor e reprodutor da ideia de que o gênero reflete o sexo, a sexualidade, o desejo dos sujeitos construídos sociais.

Processos discriminatórios contra a mulher e também contra os demais sujeitos considerados “desviantes” das normas impostas aos gêneros é alvo de amplas discussões no Curso de Extensão. Em geral, os embates advêm de experiências individuais na vida cotidiana e profissional de cada uma das pessoas envolvidas. Contudo, de acordo com os depoimentos apresentados, normalmente elas jamais trabalharam com essa temática em sala de aula. A práxis pedagógica desenvolvida reforçou a minha convicção de que a intervenção no mundo se dá também pelo ato educativo, mediação que pode implicar a reprodução da ideologia dominante ou a sua subversão.

Por outro lado, “como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha. Não posso ensinar o que não sei” (Freire, 2004, p. 95). Isso significa que os currículos dos cursos de Licenciatura e também das escolas da Educação Básica precisam contemplar os estudos de sexo, gênero e sexualidade, com vistas a contribuir no processo de contestação de discursos excludentes.

Novamente recorro a Freire: “qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever, por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar” (2004, p. 60). Com efeito, verdades instituídas nos diferentes espaços sociais podem ser questionadas e transformadas, pois a realidade social é construída a cada instante pelos mais diversos participantes e nos mais diversos contextos. Dentro desse quadro, o currículo escolar é um instrumento fundamental em processos de mudança. Mas o pensamento crítico e reflexivo não acontece ao acaso; ao contrário, precisa ser instigado e cultivado e requer as condições necessárias para o seu desenvolvimento.

De acordo com os depoimentos das participantes, muitas/muitos professoras/professores permanecem inseguras/inseguros na liderança de sua ação docente em relação aos processos de identificação de gênero e de sexualidade, ainda hoje restritos a esquemas binários. Por essa razão, o tema continua excluído de suas discussões nos espaços escolares, ainda que algumas/alguns delas/deles reconheçam a importância de um conhecimento mais aprofundado sobre o assunto. As mesmas integrantes do curso argumentam que, muitas/muitos das/dos profissionais deixam de cumprir a sua função; não contribuem com procedimentos desconstrutivos para reforçar a discriminação contra a/o estudante que escapou da norma estabelecida pela heterossexualidade.

De fato, na sociedade da norma, desde a postura e os gestos dos sujeitos são minuciosamente vigiados e controlados. Cada detalhe descrito pelo corpo é medido e, quando considerado inadequado, imediatamente é censurado, desarticulando-o e recompondo-o em nome de uma disciplina que fabrica corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. (FOUCAULT, 2004) Esses procedimentos disciplinares estão, em todos os focos de controle, disseminados na sociedade da norma que faz de cada indivíduo um caso, algo a ser descrito, analisado, medido, comparado, adestrado, corrigido, normalizado, excluído.

Ao longo desse trabalho, busco o estímulo da discussão em grupo, também por meio de cenas previamente selecionadas de filmes e depoimentos em vídeo sobre pessoas, vítimas de diferentes e variados processos discriminatórios, em função da orientação sexual e de gênero delas. Neste momento, em relação às obras artísticas, dialogo com Louro (2008, p. 31): elas “apostam na ambiguidade sexual, tornando-a sua marca e, dessa forma, perturbando, com suas performances, não apenas a plateia, mas toda a sociedade”. Especialmente o Teatro é um campo de conhecimento possibilitador da vivência de situações, emoções e sentimentos jamais experimentados pelas pessoas nele envolvidas. Ressalto que uma proposta pedagógica que visa à transformação individual e social precisa viabilizar a relação dialógica ao longo de todo o percurso do ensino e aprendizagem. É oportuno lembrar que esta importante relação no processo de troca de informações e de conhecimento entre as pessoas é uma característica do Teatro.

Para Weeks (2001), ainda que as distinções anatômicas sejam constatadas no nascimento, os significados a elas associados são altamente históricos e sociais e, por isso, passíveis de mudanças. Ao estimular as pessoas em debates sobre diferentes temas e questões humanas, as atividades teatrais podem propiciar o exercício da construção/desconstrução de padrões de comportamento e valores sociais, muitas vezes, compreendidos como inquestionáveis. Assim, arrisco-me afirmar que a ação do fazer

teatral é uma atitude de intervenção no cenário da ética, da política e da construção de novos saberes. Em Butler (2003, p.161) lê-se que “o estranho, o incoerente, o que está “fora” da lei, que nos dá uma maneira de compreender o mundo inquestionado da categorização sexual como um mundo construído e que certamente poderia ser construído diferentemente”.

Ora, o grande desafio que se apresenta está principalmente no entendimento de que existem vários processos de construção de identificação, e o reconhecimento da diferença dentro da diferença é fundamental para a superação de generalizações que rotulam o sujeito. Os dualismos vinculados aos estudos de gênero requer das/dos docentes o estudo de teorias críticas e sociais que transcendem a visão essencialista em direção a uma perspectiva mais ampla sobre a construção das identificações em um processo de ressignificação do masculino e do feminino.

Frequentemente o reconhecimento das diferenças é utilizado para se criar desigualdade, principalmente nas sociedades ocidentais que tendem a transformar o que é diferente em desigual. Com efeito, em nossa sociedade, a norma que se estabelece historicamente remete ao homem branco, cristão, heterossexual, classe média urbana com a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir desta referência definida por uma hierarquia de poder entre os diferentes, e que apresenta uns como superiores e outros como inferiores. Ora, já no início do século XX, o sujeito racional, coerente e unificado foi abalado por Sigmund Freud com as suas pesquisas sobre o inconsciente e a vida psíquica.

A existência de desejos e idéias ignorados pelo indivíduo e sobre os quais ele não tem controle é devastadora para o pensamento racional vigente: ao ignorar seus desejos mais profundos, ao se mostrar incapaz de controlar suas lembranças, o sujeito se ‘desconhece’ e, portanto, deixa de ser ‘senhor de si’. (Louro, 2008, p. 40)

Mais tarde, Lacan acrescentou a operação de um “Outro”, a imagem do semelhante, com a qual o sujeito se identifica. Dessa forma, o sujeito nasce e cresce sob o olhar do outro, podendo saber de si apenas através do outro, longe de ser estável, lógico, coerente, tal como nos anuncia Louro (2008), esse é um sujeito dividido, em constante busca da própria completude.

Há algumas décadas, movimentos e grupos que buscam novas condições sociais e culturais entre homens e mulheres, vêm conquistando os seus espaços na academia e demais entidades sociais. Eles vêm, portanto, contribuindo para importantes transformações, o que possibilita que sujeitos até então afastados das mais diversas áreas de produção humana conquistem o seu espaço e ascendam às formas de chegarem ao conhecimento. As chamadas minorias se afirmam e ameaçam os preceitos impostos como verdades absolutas que dizem respeito à sexualidade, ao gênero e à cultura. Dessa maneira, ampliam as possibilidades para o desenvolvimento de uma nova ordem social.

Neste sentido, a pedagogia e o currículo precisam oferecer as condições necessárias para que as/os estudantes desenvolvam capacidades críticas somadas a questionamentos sobre as relações de poder e os processos de diferenciação que produzem a identidade e a

diferença. No entendimento de Silva (2005), a tolerância e o respeito para com a diversidade cultural, ainda que nos reportem a nobres sentimentos, impedem a compreensão da identidade e da diferença como processo de produção social que envolve relações de poder. Mais do que a tolerância, o respeito e o consentimento acerca da diferença é preciso o investimento em estratégias pedagógicas que expliquem como a tolerância é ativamente produzida; se a diversidade biológica pode ser um produto natural, o mesmo não acontece com a diversidade cultural.

Determinados padrões de comportamento e valores humanos levados para o espaço da cena proporcionam entre os sujeitos da educação – professor/a-alunos/as e alunos/as-alunos/as –, debates significativos sobre as ações dos sujeitos no contexto social. Diante de tal consideração é possível afirmar que as atividades teatrais podem fomentar alternativas no cenário social. Trago para esta reflexão o seguinte entendimento: “antes de ser imitação da realidade, o teatro é reflexão estética sobre a realidade.” (SILVEIRA, 2007, p. 44). Por essa razão, faz-se necessária a discussão sobre estereótipos sociais para a superação destes na experiência artística e também para a mobilização de novas leituras de mundo.

Na trajetória do curso de extensão, é notório o interesse das participantes no processo de elaboração de novos conhecimentos para tratarem do assunto em sua ação pedagógica. Entendo que tal empenho é determinado pelo desejo de contribuir qualitativamente para um contexto sociocultural marcado por uma compreensão heteronormativa de mundo.

Martins, G. (2011) Approach on gender in the educational context settings. *Revista de Psicologia da UNESP* 10(2), 21-27.

Abstract: *This article is the result of the growing interest in investigating Drama teaching linked to gender configurations. This research deals with a reflexive approach concerning O teatro na escola e a relações de gênero, theme of a graduation course which is coordinated by this scholar. The students who attend this course work with Arts. Also, there are some undergraduate ones who are still attending the Teaching Art Course at College. With such a study, I intend to contribute towards those students formation as it is worth it to link them and their studies on Drama with social not equal products concerning body subjectivities.*

Keywords: theatre; gender; education

Bibliografia

Auad, D. (2003). *Feminismo: que história é essa?* Rio de Janeiro: DP&A.

Boal, A. (2007). *Jogos para atores e não-atores*. (10a ed.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. (R. Aguiar, trad.). Rio de Janeiro: Civ. Brasileira.
- Foucault, M. (2004). *Ética, sexualidade, política*. (org.) Manoel Barros da Motta. (E. Monteiro e I. A. Dourado trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Freire, P. (2004). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. (30a ed.) São Paulo: Paz e Terra.
- Vidor, H. B. (2010). *Drama e teatralidade: o ensino do teatro na escola*. Porto Alegre: Mediação.
- Louro, G. L. (1999). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. (3a ed.) Petrópolis: Vozes.
- _____. (2008). *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e a teoria queer*. (1a ed.) Belo Horizonte: Autêntica.
- Silva, T. T. (2005). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. (2a ed.) Belo Horizonte: Autêntica.
- Silveira, F. T. (2007). *O jogo teatral na construção de sujeitos*. Dissertação de Mestrado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, Rio Grande do Sul.
- Weeks, J. (2001). O corpo e a sexualidade. In: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Guacira Lopes Louro (Org.). Belo Horizonte: Autêntica.

Recebido: novembro de 2011.

Aprovado: março de 2012.